

# 18. Construindo sobre a Rocha: A Diferença entre Essência Real e Aparência Religiosa (Lucas 6:46-49; Pv. 16:32)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 20/01/2026 18:14

## 1. O Contexto de Lucas e a Carta ao "Caro Amigo" Teófilo

Para compreender a profundidade dos ensinamentos de Jesus registrados no Evangelho de Lucas, é fundamental primeiramente entender a natureza da obra e o propósito de seu autor. Lucas, diferentemente de outros evangelistas, não foi uma testemunha ocular imediata dos fatos que narra. Ele se apresenta como um médico e um historiador criterioso, alguém que se dedicou a investigar minuciosamente os acontecimentos desde a sua origem.

A introdução do seu Evangelho revela que o texto é, na verdade, uma carta endereçada a alguém chamado Teófilo. O nome "Teófilo", de origem grega, significa "amigo de Deus" (*Theos* = Deus; *Philos* = Amigo). Há um debate teológico histórico sobre se Teófilo era um indivíduo real — possivelmente uma autoridade romana ou um patrono que financiou a pesquisa de Lucas, dado o tratamento respeitoso "excelentíssimo" — ou se o termo era uma figura de linguagem para se dirigir a qualquer leitor que buscasse uma amizade genuína com o Criador.

Independentemente da identidade física do destinatário original, a mensagem transcende o tempo: trata-se de um compêndio ordenado para dar certeza e fundamento à fé daqueles que desejam seguir a Cristo. Lucas escreve para solidificar o conhecimento, transformando informações esparsas em uma narrativa coesa e fundamentada.

*"Muitos já se dedicaram a elaborar um relato dos fatos que se cumpriram entre nós... eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo, e decidi escrever-te um relato ordenado, ó excelentíssimo Teófilo, para que tenhas a certeza das coisas que te foram ensinadas."* ([Lucas 1:1-4](#))

Dentro deste relato ordenado, chegamos ao capítulo 6, onde Jesus profere um discurso que estabelece as bases éticas e práticas do Reino de Deus. Este sermão culmina em uma confrontação direta e desconcertante, que serve como o eixo central para toda a reflexão sobre a vida cristã autêntica versus a religiosidade superficial.

Jesus, após instruir sobre o amor aos inimigos, o julgamento e a bondade, lança uma pergunta retórica que expõe a incoerência humana:

*"Por que vocês me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?"* ([Lucas 6:46](#))

Esta interrogação não é apenas uma repreensão; é um diagnóstico da condição humana. Jesus aponta para uma desconexão perigosa entre o discurso e a prática, entre a confissão de fé e a obediência real. **Chamar Jesus de "Senhor" (*Kyrios*) implica reconhecer sua autoridade suprema, sua soberania e o direito de governar sobre a vida daquele que fala. No entanto, quando essa confissão verbal não é acompanhada pela submissão prática às suas instruções, cria-se uma dicotomia existencial.**

O texto de Lucas nos convida, portanto, a sair da superficialidade de uma fé nominal. Ele sugere que a verdadeira amizade com Deus — a condição de ser um "Teófilo" — não se sustenta apenas em rituais ou vocabulário religioso, mas na integração total entre o que se crê e como se vive. A pergunta do verso 46 ecoa como um convite ao autoexame: **anossa "construção" espiritual está baseada na realidade da obediência ou na ilusão da aparência?**

Ao preparar o terreno com essa pergunta, Jesus introduz as parábolas subsequentes sobre a árvore e seus frutos, e sobre os dois construtores, ilustrando que a natureza interna inevitavelmente se manifestará externamente, e que a estabilidade de uma vida depende não do que é visto na superfície, mas do que foi cavado na profundidade.

## 2. A Árvore e o Fruto: A Primazia da Essência sobre a Aparência

Dando continuidade ao seu ensino, Jesus utiliza ilustrações extraídas da natureza para explicar uma verdade espiritual inegociável: a conduta externa é um reflexo direto da constituição interna. Antes de abordar a construção da casa, Ele discorre sobre a botânica da alma humana, estabelecendo que a qualidade do produto final (o fruto) depende exclusivamente da natureza da fonte (a árvore).

A lógica apresentada é irrefutável em sua simplicidade: não existe incongruência na criação natural. Uma árvore não sofre de crise de identidade; ela produz exatamente aquilo que a sua essência determina.

*"Nenhuma árvore boa dá fruto ruim, tampouco árvore ruim dá fruto bom. Toda árvore é conhecida pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos de espinheiros, nem uvas de ervas daninhas." [\(Lucas 6:43-44\)](#)*

Neste trecho, estabelece-se o princípio da **congruência**. Muitas vezes, no contexto religioso e social, observa-se uma tentativa exaustiva de modificar o comportamento externo sem que haja uma transformação da natureza interna. É o **esforço de tentar colher figos — um fruto doce, nutritivo e valioso — a partir de um espinheiro, cuja natureza é ferir** e sufocar.

Jesus ensina que o problema humano não é meramente comportamental, mas ontológico (relativo ao ser). **Se o fruto é ruim, o defeito não está na estação ou no clima, mas na árvore em si**. Portanto, a ética cristã não se resume a um conjunto de regras para "aparar as arestas" de uma árvore má, mas propõe uma mudança de natureza, pois somente uma árvore boa pode, naturalmente e sem esforço fingido, produzir bons frutos.

A metáfora se estende então para o ser humano, localizando o centro de comando das ações no "coração" — termo que, na antropologia bíblica, designa o centro do intelecto, da vontade e das emoções.

*"O homem bom tira coisas boas do bom tesouro que está em seu coração, e o homem mau tira coisas más do mal que está em seu coração, porque a sua boca fala do que está cheio o coração." [\(Lucas 6:45\)](#)*

Aqui reside uma advertência severa contra a hipocrisia. Pode-se manter uma aparência de piedade, utilizar um vocabulário religioso e frequentar ambientes sagrados, mas a realidade do "tesouro" armazenado no coração eventualmente virá à tona. A fala é o vazamento do conteúdo interno. Se o coração estiver cheio de amargura, inveja ou malícia, não importa o quão polida seja a máscara social; em momentos de pressão — quando a árvore é sacudida — o que cairá dela será a sua verdadeira essência.

Portanto, a busca pela coerência cristã não começa de fora para dentro (mudando hábitos para parecer bom), mas de dentro para fora (sendo transformado para agir corretamente). A essência precede a existência; o ser precede o fazer. Tentar inverter essa ordem resulta em uma vida de performance exaustiva e insustentável.

---

### 3. A Sociedade da Performance: O Perigo de Viver de Rótulos

A advertência de Jesus sobre a árvore e seus frutos ganha uma relevância assustadora quando transportada para o século XXI, a era da hiperconectividade. Vivemos no que o filósofo Byung-Chul Han denomina "**sociedade do cansaço**" ou "**sociedade da performance**", onde o valor de um indivíduo é frequentemente medido pela sua capacidade de projeção externa, e não pela sua consistência interna.

As redes sociais potencializaram a desconexão entre quem somos (o coração) e o que mostramos (o fruto aparente). Criou-se uma **cultura de "vitrine", onde a curadoria da imagem é mais importante que a realidade da vida**. É o fenômeno do *catfish* espiritual e emocional: perfis que prometem uma realidade estética, feliz e bem-sucedida, mas que, no contato real (o *offline*), revelam um vazio existencial ou uma personalidade completamente distinta.

*"Vivemos em uma geração que se alimenta de rótulos, mas morre de desnutrição por falta de conteúdo."*

Esta dinâmica gera uma armadilha perigosa. Quando a validação vem dos *likes*, dos comentários e da aprovação pública, o indivíduo começa a trabalhar exaustivamente na manutenção da "fachada" da casa, enquanto as fundações apodrecem. Transportando para a metáfora bíblica, é como pintar frutos de plástico e pendurá-los em uma árvore seca. De longe, parece um pomar fértil; de perto, não alimenta, não nutre e não tem vida.

O perigo de viver de rótulos é que o rótulo não suporta a pressão da realidade. Podemos rotular um frasco de veneno como "remédio", mas isso não altera a química do líquido. Da mesma forma, podemos nos autodenominar cristãos, honestos ou bondosos nas biografias das redes sociais, mas os rótulos caem quando a vida nos aperta.

A inconsistência entre o personagem público e a pessoa privada é uma das maiores causas de ansiedade e depressão na atualidade. O esforço cognitivo e emocional para sustentar uma mentira — ou uma meia-verdade — é drenante. Jesus propõe o oposto: a liberdade da transparência. Uma vida onde o que se vê por fora é exatamente a transbordância do que existe por dentro. Não há necessidade de filtros quando a essência é genuína.

Neste cenário, a pergunta "Por que me chamam 'Senhor, Senhor' e não fazem o que eu digo?" soa como um chamado para **abandonarmos a performance e abraçarmos a autenticidade**. É um convite para desligar os holofotes do palco e acender a luz da sala de manutenção da alma.

---

### 4. A Parábola dos Dois Construtores: A Necessidade de Cavar Fundo

Para concluir seu raciocínio, Jesus apresenta uma das parábolas mais conhecidas e visualmente poderosas do Novo Testamento: a dos dois construtores. Contudo, a versão de Lucas traz detalhes técnicos de construção que enriquecem a compreensão da metáfora, diferenciando-se ligeiramente da narrativa de Mateus.

Jesus estabelece um paralelo entre dois tipos de ouvintes. Ambos têm acesso à mesma mensagem ("ouve as minhas palavras"), mas o desfecho de suas vidas é diametricamente oposto devido a um

único fator: a prática.

*"Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante: É semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou os alicerces sobre a rocha; e, vindo a enchente, bateu com ímpeto a corrente naquela casa, e não a pôde abalar, porque estava fundada sobre a rocha."* [\(Lucas 6:47-48\)](#)

O ponto crucial na narrativa de Lucas é a ação descrita como **"cavou e abriu profunda vala"**. A estabilidade não é um acidente, nem apenas uma questão de localização geográfica; é resultado de um trabalho árduo, intencional e, muitas vezes, invisível.

Construir sobre a superfície (a terra) é rápido, barato e visivelmente gratificante a curto prazo. O construtor imprudente vê a estrutura subir rapidamente. No contexto espiritual e moral, isso representa a religiosidade de aparência: rituais, discursos bonitos e adesão social, que não exigem o sacrifício do "eu" nem o confronto com as próprias fraquezas.

Por outro lado, o construtor prudente gasta tempo e energia cavando. "Cavar" na vida espiritual significa remover a terra fofa das nossas opiniões, do nosso orgulho e das tradições humanas até encontrar a base sólida, que é a verdade de Cristo. É um processo de subtração antes de ser de adição. Ninguém vê o alicerce enquanto ele está sendo construído; é um trabalho solitário e sem aplausos, mas é o que define a sobrevivência da estrutura.

A parábola também ensina sobre a inevitabilidade das crises. Jesus não diz "se" a enchente vier, mas "quando" ela vier.

*"Mas o que ouve e não pratica é semelhante ao homem que edificou uma casa sobre a terra, sem alicerces, na qual bateu com ímpeto a corrente, e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa."* [\(Lucas 6:49\)](#)

A tempestade, o rio e a correnteza atingem ambas as casas com a mesma violência. A vida não poupa o prudente das dificuldades apenas porque ele é prudente. A diferença não está na ausência de problemas, mas na capacidade de resistência. A casa sem alicerce — a vida baseada apenas em teoria religiosa sem prática de obediência — colapsa sob pressão. A "grande ruína" mencionada por Jesus é o colapso existencial de quem construiu uma identidade em cima de aparências, incapaz de suportar as tragédias, tentações e provações da realidade.

Portanto, "cavar fundo" é a metáfora definitiva para a integridade. É o convite para que a vida oculta com Deus seja mais profunda do que a vida pública diante dos homens.

---

## 5. Religião Infantil versus Evangelho Transformador

Uma das consequências mais nocivas de uma espiritualidade focada apenas na aparência é a infantilização do indivíduo. A religiosidade humana tende a reduzir a complexidade da vida a uma lista binária de permissões e proibições: "pode" ou "não pode", "é pecado" ou "não é pecado". Essa mentalidade revela um **estágio de imaturidade espiritual comparável ao de uma criança que necessita constantemente da tutela dos pais para saber se pode colocar o dedo na tomada ou comer doce antes do almoço**.

O Evangelho, em contraste, não é um convite à dependência de regras externas, mas um chamado ao amadurecimento e à transformação da natureza. A lei tem a função de conter os impulsos de quem ainda não foi transformado. Ela serve como uma jaula para a "fera" interior. Enquanto o ser

humano mantém sua velha natureza, ele precisa de leis rígidas, ameaças de punição e promessas de recompensa para se comportar de maneira civilizada.

*"A religião te infantiliza, dizendo o que você pode ou não fazer. O Evangelho te amadurece, transformando quem você é, para que você não precise mais perguntar o que pode, pois a sua própria natureza já rejeita o que é mal."*

A diferença fundamental reside na **natureza**. Podemos usar a analogia de dois animais: um porco e uma ovelha. Se lavarmos um porco, colocarmos um laço em seu pescoço e o soltarmos, a sua primeira inclinação será procurar a lama. Não porque ele seja "mau", mas porque é da sua natureza; ele se sente confortável na sujeira. **A lei pode tentar impedir o porco de ir à lama construindo cercas, mas não pode tirar o desejo pela lama** de dentro dele.

Por outro lado, uma ovelha não possui apetite pela lama. Se ela cair em um buraco sujo, ela grita, sofre e busca sair, pois aquilo é estranho à sua natureza. O Evangelho não se trata de lavar o porco (melhorar a aparência), mas de transformar a natureza do ser (metanoia).

Quando ocorre essa transformação interna — o que a teologia chama de "novo nascimento" — **a obediência deixa de ser um fardo imposto por medo e passa a ser uma resposta natural de amor e identidade**. Aquele que "cava fundo" e constrói sobre a rocha não evita o mal apenas porque é proibido, mas porque o mal lhe causa repulsa. Ele não pergunta "até onde posso ir sem pecar?", mas sim "o que edifica e reflete o caráter de Cristo?".

Enquanto a religiosidade se contenta em limpar o exterior do copo, o Evangelho limpa o interior, sabendo que o exterior será uma consequência natural dessa pureza. **Deixar de ser um "menino" na fé significa assumir a responsabilidade de carregar a própria cruz, guiado não por uma tábua de leis frias, mas pelo Espírito que habita em um coração transformado.**

---

## 6. Conclusão: O Verdadeiro Heroísmo de Dominar a Si Mesmo

A jornada proposta pelo Evangelho de Lucas, partindo da análise do coração até a construção de alicerces sólidos, culmina em um conceito de força que contraria o senso comum. Em um mundo que aplaude a conquista externa — seja de territórios, de status financeiro ou de influência digital —, a sabedoria bíblica aponta para uma vitória muito mais árdua e significativa: a conquista de si mesmo.

Salomão, em sua sabedoria, registrou um provérbio que sintetiza essa verdade e dialoga perfeitamente com o ensino de Jesus sobre a árvore e seus frutos:

*"Melhor é o homem paciente do que o guerreiro, mais vale controlar o seu espírito do que conquistar uma cidade." (Provérbios 16:32)*

Este versículo redefine o heroísmo. É relativamente **mais fácil liderar um exército contra um inimigo visível** ou construir um império externo **do que subjugar os próprios impulsos, domar a língua e governar as emoções**. O verdadeiro "guerreiro" não é aquele que impõe sua vontade aos outros, mas **aquele que submete sua própria vontade aos princípios de Deus**.

A "cidade" mencionada no provérbio pode ser comparada à nossa reputação pública, à nossa carreira ou à imagem que construímos para a sociedade (a casa sobre a areia). De nada adianta conquistar essa cidade se o governante interior (o espírito) for um tirano descontrolado, fraco e escravo de paixões momentâneas. Uma cidade conquistada por um homem que não domina a si

mesmo está fadada à ruína, assim como a casa sem alicerces diante da tempestade.

Portanto, a mensagem final para todo "Teófilo" — para todo amigo de Deus — é um convite à integridade. Construir sobre a rocha exige a coragem de olhar para dentro, de cavar fundo removendo o entulho da hipocrisia e de permitir que a essência seja transformada. Não se trata de uma religiosidade de vitrine, onde se busca a aprovação humana através de uma performance impecável, mas de uma vida enraizada na verdade.

Que a nossa confissão de "Senhor, Senhor" não seja apenas um eco vazio em nossos lábios, mas a trilha sonora de uma vida que pratica o que ouve. Afinal, a árvore é conhecida pelo fruto, e a estabilidade da casa é provada não nos dias de sol, mas na inevitável tempestade. A verdadeira vitória é chegar ao fim dela permanecendo de pé, não pela força da aparência, mas pela solidez da essência.

---

18 - **O Problema não é o pecado que cometemos** - Zé Bruno - Meu Caro Amigo.  
<https://www.youtube.com/watch?v=DS9v5rahgGk>

*Documento gerado em 22/01/2026 14:39:58 via BeHOLD*